

Credores temem confronto

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

48

WASHINGTON — Dos representantes de nove grandes bancos internacionais consultados ontem nos Estados Unidos, por este jornal, apenas um demonstrou-se otimista sobre as próximas negociações da dívida brasileira. Mas nenhum dos que se revelaram furiosos e até catastróficos permitiu que seu nome fosse revelado.

O otimismo de um único banco baseou-se "na visível disposição do Brasil em conversar", sem um exame mais aprofundado do programa para a negociação apresentado pelo ministro Bresser Pereira antes de embarcar para Viena, de onde virá para Washington.

Mesmo para este solitário banco, que é membro do comitê de credores do Brasil, "o plano parece um novo balão de ensaios, desses que o governo brasileiro vem soltando com freqüência, e por isso não o levaremos muito a sério até o momento em que for realmente apresentado na mesa de negociações".

Um dos maiores bancos dos Estados Unidos não tinha uma posição oficial que pudesse assumir publicamente, até o final da tarde de ontem. Mas seu porta-voz antecipou. "Tudo está indicando que adotaremos uma posição negativa sobre este novo plano brasileiro." Como disse um banqueiro, também anônimo, ontem, ao *The New York Times*:

"O Brasil está construindo uma posição para a negociação que não o levará muito longe".

Ao mesmo jornal, um funcionário do Banco Mundial também diria, sem se identificar: "Estou sentindo o cheiro de confronto no ar".

Um dos banqueiros ouvidos por *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde* declarou que "temo que daqui a pouco o confronto comece para valer. Até agora, os bancos entendiam que não podiam tomar nenhuma iniciativa. O Brasil é que estava ditando as regras. Mas o

prazo que os bancos têm está se esgotando. E uma guerra econômica que ninguém parece querer poderá começar".

"O BRASIL GARANTE?"

Este banqueiro examinou o novo programa do ministro Bresser Pereira, como foi publicado no *The Wall Street Journal* e *The New York Times* de ontem, em que foi manchete de páginas internas. E o que lhe chamou a atenção foi a garantia pretendida para a "dívida nova", a metade que seria transformada em títulos de longo prazo, com deságio de 25 a 30% em relação ao valor nominal dos empréstimos. E ele disse:

"O Brasil garante? O Brasil também garantiu que pagaria a dívida que agora está dividindo em duas. Fica uma pergunta: por quanto tempo o Brasil garante que garante?"

Outro detalhe que deixou este banqueiro a fazer contas foi a informação de que em 35 anos o Brasil poderia pagar a diferença do deságio, se temporário, após a maturação dos títulos, dependendo de sua posição, no cenário mundial. "Deixe-me ver; no ano 2022 estarei com 90 anos" — e deu uma gargalhada.

Um outro representante dos bancos credores, após obter informações diretas do Brasil comentou: "O interessante é que para a metade da dívida velha, para a qual não se prevê garantias, terá que ser feito o refinanciamento dos juros. Acho que os bancos vão preferir muito mais assumir os prejuízos sem renegociação alguma. Será melhor deixar como está. Tem outros lugares bons por aí para fazer negócios".